

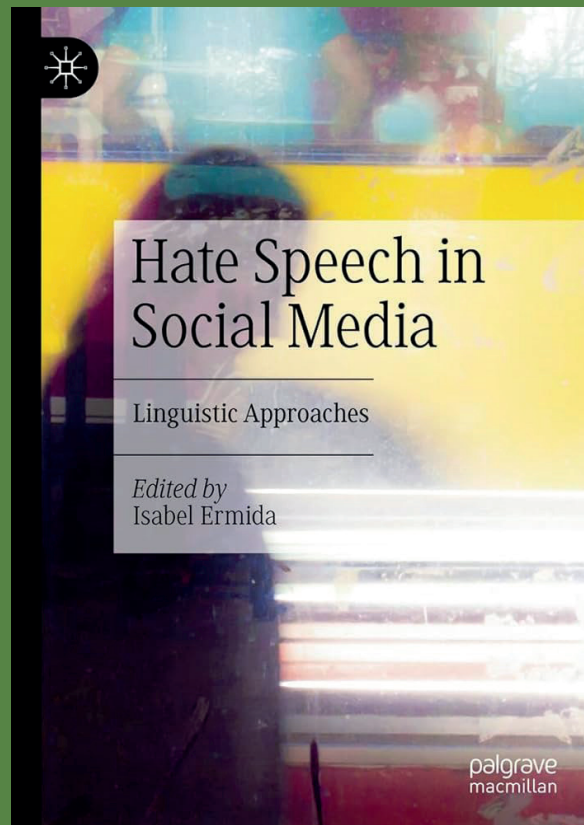
Fábio Luiz Nunes

Mestre em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Profissional técnico-administrativo em educação no Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG).
E-mail: fabio.nunes.fln@cefetmg.br

A mecânica da hostilidade na ciberlinguagem do ódio: método, alcance e impacto

The mechanics of hostility in the cyberlanguage of hate: method, scope, and impact

La mecánica de la hostilidad en el ciberlenguaje del odio: método, alcance e impacto



ERMIDA, Isabel (ed.). Hate speech in social media: linguistic approaches. Cham (Suíça): Palgrave Macmillan, 2023. 464 p. ISBN: 978-3-031-38247-5.

Sabe-se que o manejo abusivo da *internet* pode afetar negativamente a saúde mental, fato que se associa ao aumento de sintomas depressivos (Gámez-Guadix *et al.*, 2013) e ao ciberassédio, cuja vitimização apresenta diferenças moderadas pelo gênero (Schodt *et al.*, 2021). Essa conjuntura psicossocial salienta a pertinência de investigar os mecanismos linguísticos que fomentam ambientes hostis. A obra *Hate speech in social media: linguistic approaches* (editora Palgrave Macmillan, 2023), editada por Isabel Ermida, intercepta esse problema, focando-se na decomposição analítica do discurso de ódio. O trabalho, publicado em língua inglesa, ainda não dispõe de tradução para o português. Isabel Ermida, a organizadora, é professora catedrática na Universidade do Minho (UMinho). Sua formação acadêmica, inteiramente realizada naquela instituição, inclui doutorado (2002) e agregação (2011) em Ciências da Linguagem. A trajetória profissional de Ermida na UMinho inclui a direção do doutorado em Ciências da Linguagem e a presidência da Escola de Letras, Artes e Ciências Humanas. Suas filiações teóricas prendem-se à pragmática, à sociolinguística e à análise do discurso, tendo as investigações mais recentes dedicadas justamente ao discurso de ódio *on-line*.

A obra inicia-se com a parte I, que estrutura as fundações teóricas do livro. Nela, a organizadora propõe um modelo de anotação de cinco fatores para a identificação do discurso de ódio, distinguindo-o de outras formas de agressividade verbal. Os fatores cumulativos são: *conteúdo* (se a mensagem expressa preconceito); *alvo* (se direcionada a um grupo em desvantagem); *propósito* (se intenciona causar dano); *agente* (se o emissor se identifica com um grupo dominante); e *canal* (se a transmissão é pública). Esse esforço de sistematização faz diálogo com outros trabalhos que buscam delimitar o fenômeno, como os que apontam traços comuns para sua definição (Sellars, 2016) ou os que o conceituam a partir da intolerância e da discriminação (Andrade, 2021). A complexidade dessa tarefa de delimitação é, inclusive, um ponto recorrente na literatura especializada (Paz; Montero-Díaz; Moreno-Delgado, 2020).

“Structural patterns in hate speech”, a parte II do livro, supera a conceituação e avança para a materialidade linguística, debruçando-se sobre padrões gramaticais e morfológicos. A seção conjuga quatro capítulos que analisam, respectivamente (i) o uso de técnicas de *processamento de linguagem natural* (PLN) para detectar marcadores de opinião fixos em *corpora* de grande volume; (ii) a função de verbos de agressão na primeira pessoa do singular como “I punch” (“eu soco”) ou “I kill” (“eu mato”); (iii) a utilização de dêixis emocional por meio de determinantes demonstrativos na língua portuguesa para indicar envolvimento ou distanciamento; e (iv) os mecanismos linguísticos depreciativos na língua dinamarquesa, com especial atenção para a formação de palavras compostas. Esses estudos apresentam os veículos linguísticos pelos quais o discurso de ódio se manifesta de maneira velada ou estrutural, materializando a natureza polimorfa do fenômeno (Andrade, 2021).

A parte III, “Lexical and rhetorical strategies in the expression of hate speech” tem como objetivo aprofundar-se nos mecanismos linguísticos sub-reptícios e figurados que circundam o fenômeno do discurso de ódio. Os capítulos iniciais investigam o uso do humor e da linguagem figurada em contextos de ódio religioso e também o emprego de perguntas retóricas para veicular mensagens hostis de modo implícito. A respeito disso, deve-se mencionar que a dificuldade de identificação de tais discursos, por serem expressos de maneira ambígua e metafórica, é um desafio permanente na literatura (Paz; Montero-Díaz; Moreno-Delgado, 2020).

O tratamento analítico de artifícios retóricos e lexicais torna-se, assim, um aspecto nevrálgico para a compreensão do fenômeno em suas manifestações veladas, como afirma Sellars (2016).

Os capítulos seguintes, por sua vez, estabelecem um detalhamento da criação de “conceitos facilitadores”, como a analogia com o *Apartheid* no discurso antissemita, que serve para legitimar enunciados mais extremos, e a formação de neologismos depreciativos contra refugiados ucranianos na Polônia. Esses fenômenos sugerem, na visão de Teixeira da Silva (2019) a elaboração de uma linguagem extremista particular, que satura o debate com vocábulos e sintagmas que normalizam o improvável e o irracional, rebaixando a discussão política.

A quarta e última parte da obra, intitulada “The interactional dimension of hate speech: negotiating, stance-taking, countering”, volta-se para a construção dialógica dos significados do discurso odioso. Faria estuda o discurso misógino contra figuras públicas femininas em Portugal, pelo que identifica a tomada de postura adversarial dos participantes. Chovanec, por sua vez, trata do “discurso de conflito”, a exemplo do caso do *body shaming*, um fenômeno discursivo marcado pelo “excesso” (Rebs, 2017) que serve à construção de identidades e ao reforço da coesão grupal.¹ As diferenças de gênero na produção de enunciados odiosos são o foco de Pahor de Maiti, Franza e Fišer, que, em *corpora* de inglês e esloveno, indicam que homens produzem mais comentários violentos e curtos, enquanto mulheres utilizam mais marcadores linguísticos de afeto. Ruzaitė, por fim, debruça-se sobre o contradiscurso como reação ao ódio homofóbico em um portal de notícias da Lituânia. A hostilidade recorrente dessas réplicas retóricas, que espelham as estratégias do próprio discurso de ódio, aproxima a obra resenhada dos debates sobre a eficácia do *contradiscurso* em oposição à coerção estatal, assinalados por autores como Howard (2019). Para Andrade (2021), esse é um mecanismo de resistência que, apesar de tudo, se apresenta como uma forma de combater o discurso odioso, confrontando o que ele chama de “más ideias”.

O volume organizado por Ermida (2023) representa um aprimoramento metodológico importante no escopo dos estudos comunicacionais sobre a linguagem de ódio. A decomposição detalhada dos mecanismos linguísticos do ódio (das configurações estruturais aos expedientes retóricos utilizados) mostra ao leitor uma variedade de reflexões sobre o fenômeno, solidamente construídas. A obra apresenta de modo exemplar como o ódio é discursivamente encenado, embora se debruce sobre um objeto de investigação ainda conceitualmente instável. O manual busca dar conta de uma categoria que carece de delimitação operacional consistente, tratando como ocorrência linguística objetiva o que Sellars (2016) considera uma definição intensamente carregada. Além disso, a ênfase nas formas codificadas, como o humor e a metáfora, atende à urgência de interpretar mensagens equívocas. Porém, o enquadramento estritamente linguístico em vários dos capítulos tende a restringir o horizonte analítico, dado que as pesquisas nessa seara exigem interdisciplinaridade e transversalidade, como lembram Paz, Montero-Díaz e Moreno-Delgado (2020). A problemática subjacente é de natureza normativa: descrever as manifestações do ódio implica reconhecer debates filosóficos preexistentes. Quando se abstém de arbitrar se tal discurso ultrapassa o “escopo protetivo” da liberdade de expressão (Howard, 2019), o livro preserva sua coerência interna e cumpre a finalidade que o orienta, oferecendo um acervo teórico-prático imprescindível para que as discussões teóricas avancem sobre bases concretas.

1 O *body shaming* (em português, “constrangimento corporal”) consiste no ato de criticar, humilhar ou ridicularizar um indivíduo com base em características de sua aparência física. Exemplos incluem críticas ao peso (seja por sobrepeso ou magreza excessiva), à altura, ao formato do nariz ou à presença de acne.

Referências

- ANDRADE, A. G. C. Liberdade de expressão e discurso de ódio. **Revista da EMERJ**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 1, p. 9-34, 2021.
- ERMIDA, I. (ed.). **Hate speech in social media: linguistic approaches**. Cham (Suíça): Palgrave Macmillan, 2023.
- GÁMEZ-GUADIX, M.; ORUE, I.; SMITH, P. K.; CALVETE, E. Longitudinal and reciprocal relations of cyberbullying with depression, substance use, and problematic internet use among adolescents. **Journal of Adolescent Health**, [s. l.], v. 53, n. 4, p. 446-452, 2013.
- HOWARD, J. W. Free speech and hate speech. **Annual Review of Political Science**, [s. l.], v. 22, p. 93-109, 2019.
- PAZ, M. A.; MONTERO-DÍAZ, J.; MORENO-DELGADO, A. Hate speech: a systematized review. **SAGE Open**, [s. l.], p. 1-12, 2020.
- REBS, R. R. O excesso no discurso de ódio dos *haters*. **Fórum Linguístico**, Florianópolis, v. 14, n. especial, p. 2512-2523, 2017.
- SCHODT, K. B.; QUIROZ, S. I.; WHEELER, B.; HALL, D. L.; SILVA, Y. N. Cyberbullying and mental health in adults: the moderating role of social media use and gender. **Frontiers in Psychiatry**, Lausanne (Suíça), v. 12, p. 674298, 2021.
- SELLARS, A. F. **Defining hate speech**. Cambridge (Estados Unidos da América): Berkman Klein Center for Internet & Society at Harvard University, 2016. (Research Publication, n. 2016-20).
- TEIXEIRA DA SILVA, F. C. O discurso de ódio: análise comparada das linguagens dos extremismos. **Revista NuestrAmérica**, [s. l.], v. 7, n. 13, p. 45-64, 2019.